MINI DOCUMENTÁRIO PARA WEB

**Resumo**

**O audiovisual é uma das melhores formas de transmitir uma mensagem para um determinado público-alvo. Com isso, é apresentado neste trabalho um formato de vídeo para a Internet chamado “mini doc” ou “mini documentário”; cuja ideia é instruir aos leitores a como contar histórias por meio de vídeos curtos na web. Os tópicos do artigo estão divididos em uma ordem crescente que vai dos conceitos de vídeo e documentário à criação do roteiro, tudo isso a fim de permitir um entendimento mais amplo do texto para os leitores bem como apontar o que é recomendável saber antes de começar a escrever sua história. Procura-se, sempre que possível, ser o mais objetivo e completo na construção das citações aqui mencionadas, vale lembrar que as especialidades dos autores pesquisados são voltadas para documentários transmitidos na TV e no cinema, pois, infelizmente, ainda não há referências específicas para mini documentários na Internet.**

**Palavras-chave:** Documentário; Audiovisual; Internet; Roteiro.

**ABSTRACT**

Audiovisual is one of the best ways to convey a message to a particular audience. With this, this work presents a video format for the Internet called "mini doc" or "mini documentary"; whose idea is to instruct readers how to tell stories through short videos on the web. The topics of the article are divided into a growing order ranging from video and documentary concepts to script creation, all in order to allow a broader understanding of the text for readers as well as pointing out what it is recommended to know before you start writing your story. We seek, whenever possible, to be the most objective and complete in the construction of the citations mentioned here, it is worth remembering that the specialties of the authors researched are focused on documentaries broadcast on TV and in the cinema, because, unfortunately, there are still no specific references for mini documentaries on the Internet.

**Keywords**: Documentary; Audiovisual; Internet; Script.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho teórico aborda os elementos necessários para a criação de um mini documentário para *web*. A ideia para o tema surgiu em razão da ascensão das novas mídias na Internet e suas ferramentas para criadores de conteúdo. Além de ser um instrumento para contar histórias e dar voz a atores sociais por meio do audiovisual, o mini doc para web é objetivo e específico para atrair a atenção dos internautas em poucos minutos de vídeo. Logo, este artigo espera auxiliar os leitores que querem entender o básico para produzirem por si mesmos; roteiros de vídeo curtos para a *web*. Espera-se que por intermédio dos conhecimentos aqui aplicados, os leitores possam ter um “norte” em sua jornada rumo a produção de conteúdos audiovisuais na internet. Como na Internet não há muitas referências sobre o processo de criação de mini documentários, propõe-se aqui um estudo sobre conhecimentos de autores especializados em criação e roteiro de documentários para cinema e TV que serão reinterpretados para a web. Têm-se como principais referências neste trabalho os livros *Introdução ao documentário (2016)* de Bill Nichols e *Da criação ao roteiro; teoria e prática (2009)* de Doc Comparato.

1. DESENVOLVIMENTO
   1. **As vantagens do audiovisual na democratização da mensagem**

Segundo Almeida (1985 apud CARISSIMI; WESTERKAMP, 2011, p. 2), o vídeo é o meio que melhor sintetiza a televisão e o cinema na transmissão de imagens. Um dos motivos para isso é o fato da possibilidade de ver e rever o vídeo várias vezes, ao contrário dos últimos citados. O vídeo nasce em um ambiente repleto de códigos, a escrita, a fala, a imagem, etc, como uma alternativa para unificá-los em um só veículo de comunicação que é “[...] capaz de socializar definitivamente a mensagem”. Mesmo após inúmeras melhorias ao longo dos anos nos equipamentos de vídeo e áudio bem como nos formatos, o objetivo permanece o mesmo, comunicar uma mensagem clara e original. A mensagem alcança uma grande quantidade de pessoas, servindo para o público infantil, infanto-juvenil, jovem, adulto e idoso. Por estas razões, o vídeo é considerado um dos meios com maior eficácia na transmissão de uma ideia.

Para o Dr. José Carlos Aronchi (2017), “o vídeo se tornou um recurso audiovisual indispensável para qualquer meio de comunicação.” O elemento vídeo é complemento da informação de muitos meios da comunicação que tiveram que se adaptar ao audiovisual, a exemplo de rádios como a Jovem Pan que é considerada a rádio brasileira que soube mais se adequar a essas mudanças. De fato, quase todos possuem um aparelho *smartphone* no qual o usuário recebe e envia informações por meio de vídeos a todo o momento. Logo, é inevitável que essa ferramenta tenha um poder de alcance como nenhuma outra.

De acordo com Fortes (2003), França e Leite (2007, p. 48), a linguagem do vídeo é direcionada a um público específico, e para isso, a comunicação dirigida auxilia a empresa a adaptar a narrativa a fim de sensibilizar o telespectador à reflexão da ideia. Durante o processo de transformação do pensamento coletivo, o público é motivado a formar sua própria opinião sobre o tema, e por consequência, concordar ou não com as intenções do vídeo [...]. (apud CARISSIMI; WESTERKAMP, 2011, p. 3, 4).

Para Kunsch (2003), a comunicação dirigida deve ser trabalhada de forma “direta e segmentada”, para que a mensagem alcance o público desejado de modo que este a absorva e opine sobre o que foi visto e ouvido no vídeo. Tanto emissor e o receptor devem se comunicar claramente [...] (apud CARISSIMI; WESTERKAMP, 2011, p. 4).

* 1. **Os discursos, os modelos e os modos do documentário**

De acordo com Bill Nichols (2016, p. 21), os documentários registram fatos reais dando valor a veracidade histórica, sem acrescentar novas narrativas não comprováveis. Sendo assim, falam a respeito de verdadeiros personagens transformadores, da forma como mudam o mundo, e não de atores desempenhando algum papel.

Para Nichols (2016, p. 93), há duas formas de trabalhar a voz do documentário: usando o discurso direto e o discurso indireto. O primeiro conversa diretamente com a câmera ou os telespectadores, fazendo o vídeo gerar a ideia de “uma proposta sobre a natureza do mundo histórico”. Pode-se ser trabalhado em seis formas:

**Quadro 1 – Discurso direto**

|  |  |
| --- | --- |
| Personificado (vê-se uma pessoa, um ator social) | Não personificado (não se vê quem fala) |
| Voz da autoridade (âncora de noticiário, repórter) | Voz de Deus (comentário em voz *over*) |
| Entrevista (vê-se o entrevistado, talvez se veja ou ouça o entrevistador) | Títulos/intertítulos (material impresso dirigido a nós) |

NICHOLS, p. 93 (2016).

Já na segunda forma, o instrumento da fala não é direcionado ao público de forma direta, como no gênero de ficção. “No documentário, isso cria a sensação de que o filme está oferecendo uma perspectiva de aspectos ou características do mundo histórico.” Pode-se ser representada nos seguintes termos:

**Quadro 2 – Discurso indireto**

|  |  |
| --- | --- |
| Personificado (atores sociais) | Não personificado (transmitido por técnica cinematográfica) |
| Observação (observa os atores sociais em seu cotidiano) | Forma cinematográfica (o cineasta nos diz coisas por meio da montagem, da composição, do ângulo da câmera, da música, dos efeitos etc. Cabe a nós interpretar como essas escolhas falam conosco |

NICHOLS, p. 93 (2016).

Nichols (2016, p. 158) afirma que a partir das categorizações gerais para o documentário é possível redesenhá-las de outras maneiras. Sendo assim, é válido dizer que esses conhecimentos aplicados em plataformas digitais na internet também poderiam funcionar. O autor propõe duas maneiras na divisão dos documentários: modelos de não ficção preexistentes e modos do documentário distintos. A primeira adota modelos “como o diário, a biografia ou o ensaio”. Já a segunda adota modos “como o expositivo e o observativo” que têm sua origem após o cinema primitivo. Os modos dão um auxílio “a definir a forma e o estilo do documentário” independentemente dos modelos adotados.

Ele também diz respeito à classificação de qualquer documentário em duas maneiras:

|  |
| --- |
| Que modelo proveniente de outros meios de comunicação ele adota |
| Para qual modo ele contribui como cinema |

**Quadro 3 – Classificação do documentário**

NICHOLS, p. 158 (2016).

A seguir uma lista na qual o autor informa alguns dos principais modelos da não ficção juntamente com os modos do documentário:

**Quadro 4 – Modelos da não ficção e modos do documentário**

|  |  |
| --- | --- |
| MODELOS DA NÃO FICÇÃO | MODOS DO DOCUMENTÁRIO |
| **Investigação/reportagem** | **Expositivo** |
| (reúne provas, define um argumento ou oferece uma perspectiva | (fala diretamente com o espectador em voz *over* |
| Ex: Control room, Enron: Os mais espertos da sala, etc. | Ex: 7 days in September, Nanook, o esquimó, etc. |
| **Defesa/Promoção de uma causa** | **Poético** |
| (enfatiza provas e exemplos convincentes e comoventes; instiga a adoção de um ponto de vista específico) | (enfatiza ritmos e padrões visuais e acústicos e a forma geral do filme) |
| Ex: A corporação, Night mail, etc. | Ex: Chuva, Koyaanisqatsi, etc. |
| **História** | **Observativo** |
| (reconta o que realmente aconteceu, oferece um interpretação ou perspectiva dos fatos) | (observa como os autores sociais levam a vida, como se a câmera não estivesse presente) |
| Ex: The civil war, An injury to one, etc. | Ex: Caixeiro-viajante, A escola, etc. |
| **Testemunho** | **Participativo** |
| (reúne histórias orais ou testemunhas que recontem experiências pessoais) | (o cineasta interage com os atores sociais, participa na modelagem do que acontece diante da câmera: as entrevistas são um exemplo primoroso) |
| Ex: The life and the times of Rosie the riveter, Las madres de la Plaza de Mayo, etc. | Ex: Nobody's business, Ônibus 174, etc. |
| **Relato de expedição/viagem** | **Reflexivo** |
| (transmite a singularidade e, com frequência, o encanto de lugares distantes, pode enfatizar características exóticas ou incomuns) | (chama a atenção para as convenções do cinema documentário e, às vezes, de metodologias como trabalho de campo ou entrevista) |
| Ex: A marcha dos pinguins, Náufragos da vida, etc. | Ex: Reagrupamento, Stranger with a camera, etc. |
| **Sociologia** | **Performático** |
| (o estudo de subculturas: normalmente, inclui trabalho de campo, observação participante com as pessoas filmadas, descrição e interpretação) | (enfatiza a característica expressiva do envolvimento do cineasta com o tema do filme; dirige-se ao público de maneira clara) |
| Ex: Jesus camp, Primárias, etc. | Ex: Os catadores e eu, Chile, la memoria obstinada, etc. |
| **Antropologia/etnografia visual** |  |
| (o estudo de outras culturas; semelhante de campo sociológico, geralmente acrescido de aquisição de linguagem; dependência de informantes para o acesso à cultura estudada) |  |
| Ex: Dead birds, Os mestres loucos, etc. |  |
| **Ensaio na primeira pessoa** |  |
| (relato pessoal de algum aspecto da experiência ou ponto de vista do autor/cineasta; a autobiografia é semelhante, mas enfatiza o desenvolvimento individual) |  |
| Ex: The maelstrom, A ponte, etc. |  |
| **Diário** |  |
| (impressões diárias que podem começar e terminar um tanto arbitrariamente) |  |
| Ex: Afrique, je te plumerai, Diário inconcluso, etc. |  |
| **Perfil individual ou coletivo/biografia** |  |
| (reconta a história do amadurecimento ou da singularidade de uma pessoa ou de um grupo) |  |
| Ex: 7 up!, O homem urso, etc. |  |
| **Autobiografia** |  |
| (relato pessoal da experiência, do amadurecimento ou da atitude de alguém diante da vida) |  |
| Ex: Complaints of a dutiful daughter, Finding Christa, etc. |  |

NICHOLS, p. 159-162 (2016).

* 1. **O roteiro do documentário para web**

Doc Comparato (2009, p. 25) faz algumas reflexões o sobre roteiro que segundo ele pode ser definido em diferentes formas. Uma das definições de roteiro é “a sequência escrita de qualquer projeto audiovisual”, ou seja, basicamente ele é a elaboração escrita dos elementos da história que será contada em imagens, diálogo e descrição. Um roteiro compreende três aspectos fundamentais: o *logos* (a palavra, o discurso), o *pathos* (o drama, a provocação) e o *ethos* (a ética, a moral da história).

De acordo com Doc Comparato (2009), no processo de criação do roteiro de cinema é preciso seguir um passo a passo com etapas do processo criativo que são: ideia, conflito, personagens, ação dramática, tempo dramático e unidade gramática. Para as novas mídias, esses conceitos também se aplicam, porém como este artigo trata-se do formato documentário; que evolve pessoas reais desempenhando algum papel social, é necessário fazer uma releitura dos textos do Doc Comparato para mini docs.

Primeiramente, encontre um tema para o documentário e após isso trabalhe na estrutura da ideia. Depois, defina o conflito da história e responda qual é a provocação que o vídeo traz aos espectadores. Em seguida, defina os atores socias que vivem o conflito, ou seja, quais são as pessoas cogitadas para serem entrevistadas no vídeo. A quarta etapa é a construção da estrutura composta por cenas que são determinadas pela participação dos atores sociais para que o enredo esteja em ordem na sequência. A cena, pois, é a unidade gramática do primeiro roteiro que faz parte de sua microestrutura interna. Essa estrutura segue uma ordem de eventos com princípio, meio e fim. (COMPARATO, 2009, p. 187)

O tempo dramático é o quanto, quanto tempo terá cada cena. Isto é, colocamos os diálogos nas cenas e por meio deles começamos a dar ao trabalho uma forma de roteiro. Nessa etapa completaremos a estrutura com o diálogo. Então cada cena terá o seu tempo dramático e a sua função dramática. Esse trabalho já se concretiza no chamado primeiro roteiro. As personagens se desenvolvem, quem é quem, como e por quê, simplesmente por falarem mediante diálogos. A cena abre, desenrola-se e acaba. (COMPARATO, 2009, p. 30).

Por fim, Doc Comparato (2009, p. 30) conclui as seis etapas com o diretor planejando como irá trabalhar a unidade dramática, ou seja, com as cenas. O roteiro final compreende o início das gravações em que serão realizados contatos com os entrevistados para instruí-los com as perguntas já escritas, para definir as datas, a hora, e lugar onde serão feitas as gravações e, a partir disso, construir um guia para a construção audiovisual.

1. Resultados esperados

Espera-se que em uma futura pesquisa, para complementação desta, possa se encontrar a aplicação dos conhecimentos aqui estudados em trabalhos audiovisuais direcionados para plataformas na Internet. Além disso, almeja-se encontrar também um modelo de estrutura de roteiros para vídeos na *web* , já que não foi encontrado um que seja no formato de tabela com uma coluna para o vídeo e a outra para o áudio.

**REFERÊNCIAS**

# BRAZIL, tv. "Nenhum meio de comunicação pode prescindir do vídeo hoje", defende especialista. 2017. (02m29s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dsUH0smSyws>. Acesso em: 15 jan. 2020.

# CARISSIMI, C.; WESTERKAMP, J.. VÍDEOS INSTITUCIONAIS: Uma análise comparativa. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 12., 2011. Anais... Londrina, UEL, 2011.

COMPARATO, D. **Da criação ao roteiro: teoria e prática.** Summus. São Paulo, SP. 2009.

# FORTES, Waldir Gutierrez. Relações públicas: processos funções, tecnologia e

# estratégias. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

# FRANÇA, Fábio; LEITE, Gutemberg. A comunicação como estratégia de recursos

# humanos. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

# NICHOLS, B. Introdução ao documentário. Papirus Editora. Ed. 6. Campinas, SP. 2016. p. 21